

Uso dos TEMPOS E ESPAÇOS do TRABALHADOR DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA VIRTUAL: PRODUÇÃO E REPRODUÇÃO NO TRABALHO da Idade Mídia

Daniel Mill e Fernando Fidalgo

Resumo

Este texto é resultado de um estudo em torno do trabalho docente virtual e tem como objetivo analisar como esses trabalhadores virtuais da educação fazem uso dos seus tempos e espaços. Metodologicamente, a investigação analisou a relação entre tutores virtuais x espaço-tempo de trabalho x educação a distância virtual, donde surgiram elementos bastante ricos para reflexão das possibilidades (positivas e perversas) do teletrabalho docente. Como resultados, o texto apresenta uma reflexão baseada em dados da pesquisa e em elementos teóricos marxianos em torno da capacidade/necessidade de cada educador delimitar os seus tempos e espaços de trabalho, de lazer, de família, de descanso e de sonhar. Os dados demonstraram que os teletrabalhadores têm muita dificuldade de separar esses tempos e espaços de vida.

Palavras-chave: espaço-tempo, educação a distância, docência virtual e Idade Mídia.

THE USE OF TIME AND SPACE by VIRTUAL DISTANCE EDUCATION WORKERS: ABOUT THE PRODUCTION AND REPRODUCTION IN THE Media Ages work

Abstract

This paper is a result of a study about the teaching virtual work in order to analyze how these virtual workers of the education use his times and spaces. Methodologically, the investigation analyzed the relation between virtual guardians x space-time of work x education to virtual distance, from where quite rich elements appeared for reflection of the possibilities (positive and perverse) of the long distance teaching. As results, this paper presents a reflection which is based on research data and also on theoretical Marxist concepts, about the capacities and necessities of each individual educator on delimiting their timeshare, workspaces, pleasurable activities, family activities, resting and dreaming space-time. The data has shown that these workers have a great difficulty in establishing a separation among these life space-times.

Key words: space-time, education to distance, virtual teaching and Age Media

1. Introdução: sobre produção e reprodução na contemporaneidade

As categorias tempo-espaço constituem-se num ponto nevrálgico do processo de trabalho¹. Daí, infere-se que o centro de toda a dominante teoria de organização do trabalho taylor-fordista está na *otimização do uso do tempo e do espaço do trabalhador*. Além disso, foi esta centralidade que levou essa teoria taylor-fordista a entrar em crise, pois, de igual modo foi também o tempo-espaço o centro das atenções do toyotismo, teoria que veio a substituir ou reformular quase por completo suas antecessoras. O *toyotismo* (ou *modelo japonês*) inovou os elementos centrais do taylor-fordismo, mas, em verdade, foram necessárias muito poucas mudanças para além da flexibilidade espaço-temporal da produção. A crise da teoria científica de Taylor e da linha de produção de Ford assenta-se nos aspectos temporais e espaciais do processo de produção, pois a aposta no controle dos movimentos e ritmo dos trabalhadores perde força e dá lugar à *flexibilidade*.

Enfim, os usos que fazemos do nosso espaço-tempo no âmbito da produção e da reprodução são importantes para nós mesmos, para a sociedade e para o capitalista que está interessado na compra de força de trabalho. Trata-se de uma categoria propagada como mercadoria valiosa e não-desperdiçável (PADILHA, 2004: 219).

Qualquer análise dessa categoria *tempo* no bojo do processo de trabalho, que considere o tempo como uma instituição “social”, vai dividi-lo em *tempo de trabalho* e *tempo livre*. As atividades humanas seriam, então, organizadas em atividades *produtivas* (ou de trabalho) e atividades *reprodutivas* (ou de lazer e ócio). Essa composição leva alguns pesquisadores à busca de definições e delimitação não apenas de *tempo de trabalho*, mas, principalmente, de *tempo livre*.

Assim, neste texto, apresenta-se um estudo sobre os tempos do trabalho na educação a distância (EaD) virtual, isto é, objetiva-se elucidar como se tem configurado a organização dos teletrabalhadores docentes em termos temporais e espaciais² para realizar suas atividades na EaD, considerando questões de lazer, descanso, família, tecnologia e trabalho.

¹ Como referencial teórico, utilizamos, em nossa análise, textos de Marx (1968; 1980), dentre outros textos seus ou de seus seguidores.

² Os trabalhos de Santos (1997; 1999) também estão na base da análise deste trabalho.

2. A propósito do tempo livre: lazer e descanso na EaD

Considerando a importância da *tempo livre* na sociedade atual, que tem no trabalho seu eixo central, começaremos nossas reflexões pela concepção de *tempo livre* e tempo “*não-livre*”. É importante, portanto, saber o que se entende por tempo livre. Conforme Padilha (2004: 218),

a compreensão de *tempo livre*, visto como um dos tempos sociais, sempre esteve vinculada aos significados do trabalho e do tempo de trabalho e, dessa maneira, seu sentido principal prevalece sendo o de um *tempo de não-trabalho*, embora nem todo tempo fora da esfera do trabalho seja um tempo disponível para o lazer ou para o ócio.

Tempo livre seria, pois, todo o tempo não dedicado ao trabalho. Vale ressaltar, ainda, o aposto da autora: *nem todo tempo fora da esfera do trabalho é um tempo disponível para o lazer ou para o ócio*. Ou seja, tempo livre não é sinônimo de tempo disponível para lazer ou ócio. Contrariamente à concepção de Puig e Trilla (2004: 21-22), lazer e ócio são entendidos por Padilha (2004: 220) como duas esferas distintas do tempo livre: no tempo liberado para o lazer, haveria a realização de atividades, enquanto ao ócio está associada a ideia de não fazer nada, de contemplação e de preguiça. Puig e Trilla (2004) distinguem apenas *tempo livre* de *ócio*.

O ócio supõe a liberação das obrigações do trabalho e a disponibilidade de pessoal do tempo. Mas o ócio não é sinônimo de tempo livre. O tempo livre é unicamente uma condição necessária, mas não suficiente. Muitas vezes, utilizam-se equivocadamente ambos os termos como sentidos equivalentes (PUIG e TRILLA, 2004: 21).

Não distinguir as esferas do tempo livre (ócio e lazer) pode ser um equívoco na medida em que supõe um único nível possível de uso do tempo livre. De fato, é possível equiparar tempo de ócio e tempo de lazer na medida em que, juntos, constituem o tempo disponível em que não se busque nenhum objetivo financeiro, mas apenas satisfação pessoal (MARCELLINO, 1990). Entretanto, considerando que o tempo livre também é regido pelo capital (e não somente o tempo de trabalho, como ingenuamente se pode imaginar), tempo é dinheiro. Por isso, a contemplação no ócio torna-se, geralmente, distinta do ponto de vista de proletários e dominantes. Por um lado, a contemplação no ócio constitui-se em preguiça (e, portanto, um “pecado capital” dos

trabalhadores); mas, por outro lado, o ócio seria fonte de libertação e emancipação (para dominantes)³.

Padilha (2004) diz que, com o surgimento do relógio (“máquina” típica da Revolução Industrial), é anunciada uma progressiva desapareção da ociosidade, mas que o desaparecimento é mais evidente para a classe trabalhadora, “pois os setores dominantes das sociedades industriais viam nesse tempo a possibilidade de libertação, criação e alegria” (PADILHA, 2004: 220).

Puig e Trilla (2004: 44) introduzem um novo elemento na discussão sobre tempo de não-trabalho que vale salientar. Eles definem que parte do tempo de não-trabalho do trabalhador é hipotecada em diversas ocupações (família, descanso, deslocamento, política, religião etc.). Portanto, o tempo que tais obrigações ocupam não pode ser considerado como tempo livre.

Enfim, para o objetivo deste texto, consideramos importantes essas pequenas precisões entre os conceitos de lazer e ócio como componentes do tempo livre. Contudo, numa perspectiva mais geral, existem posições diferenciadas, por vezes contraditórias, entre os autores da área, para os conceitos de tempo livre, lazer, ócio, recreação, entre outros. No próprio Dicionário Crítico do Lazer, organizado por Gomes (2004), percebe-se essa diversidade (ou imprecisão) de concepções. Todavia, para nós, interessa-nos esta concepção mais geral (Quadro 1) de que o tempo do trabalhador é dividido em *tempo de trabalho* e *tempo de não-trabalho*; e de que o tempo de não-trabalho pode ser dividido em *tempo dedicado a obrigações* paraprofissionais, familiares etc. e *tempo livre*; e, por fim, interessa que este tempo livre divida-se em *tempo de lazer* e *tempo de ócio*.

Quadro 1. Divisão dos usos do tempo do trabalhador (Fonte: adaptado de PUIG e TRILLA, 2004: 45)

Tempo de trabalho	Tempo de não-trabalho		
Tempo de trabalho	Tempo dedicado a obrigações paraprofissionais, familiares, religiosas e políticas	Tempo livre	
		Lazer	Ócio

³ Ressalta-se que não há aqui a intenção de reduzir toda a idéia a um simples esquema: os trabalhadores nem sempre tratam o ócio como pecado e tampouco a classe dominante o vê sempre como libertação.

Segundo o entendimento marxiano, o desenvolvimento das forças produtivas deve levar a humanidade a despendar cada vez menos tempo no trabalho e a dispor cada vez mais de tempo livre no qual possa desenvolver toda sua potencialidade (SOUZA JR., 2000: 325; PUIG e TRILLA, 2004: 28). Seja pela redução do desemprego, seja pelo aumento do tempo livre, essa busca pela redução da jornada de trabalho tem sido uma “luta” travada por trabalhadores de várias épocas e lugares. Isso pareceu possível e necessário durante décadas ou séculos. Entretanto, Padilha (2004) lembra que a redução da jornada pode não ser uma “entrada” tão evidente para o “reino da liberdade” (Marx), pois, sendo o tempo livre regido pelo capital, equivaleria à redução de salário. Ou seja, aumentar o tempo livre toma, nesse segundo momento da história, um sentido contrário àquele estabelecido como ideal pelo pensamento marxiano. A meta dos sindicatos passaria a ser, então, a redução da jornada de trabalho sem redução de salário.

As redefinições ou metamorfoses do capitalismo pós anos 70, resultantes da crise econômica do período, parecem estar na origem dessa nova concepção de redução da jornada. Seja pelas consequências do desenvolvimento tecnológico, seja pela colonização da subjetividade (ou do tempo livre), o capital consegue reverter a situação que lhe era desfavorável. A liberação do trabalho transformou-se em desemprego e o progresso indefinido, em degradação onipresente (PUIG e TRILLA, 2004: 39). Para esses autores, as expectativas e previsões otimistas sobre a chegada da chamada civilização do ócio, diante do desemprego, cedem lugar a uma “solução” com crescente número de adeptos, do ponto de vista da sociologia do ócio:

“dividir entre todos o trabalho disponível e, assim, todos ganham mais tempo livre. (...) Esse caminho nos leva a uma sociedade dominada pelo tempo livre (...). Representa, sem dúvida, uma mudança de grandes possibilidades, mas também muitos perigos” (PUIG e TRILLA, 2004: 40).

Creio que os perigos estejam na falsidade dessa solução. O tempo livre ganho pelo desemprego não vai se enquadrar, muito provavelmente, em nenhuma perspectiva de ócio ou lazer. Retomar a questão das metamorfoses do capital, associada ao desenvolvimento tecnológico, clarifica os reais usos desse “tempo livre” que serão feitos pelos trabalhadores. Longe de constituir uma civilização do ócio, como vislumbrada na década de 1960, está acontecendo a *sociedade da*

inatividade (PUIG e TRILLA, 2004: 179) e *da multiatividade*. Em vez de liberar o tempo do trabalhador, a dificuldade de conseguir um emprego de “pleno-tempo” leva este trabalhador a realizar, paralelamente, atividades múltiplas. Dessa forma, o que era para constituir tempo de reprodução (tempo de lazer ou tempo de ócio) vai sendo minado pela necessidade de rentabilidade do capitalismo deste século. Tudo parece se resumir a reorganizações tecnológicas do capitalismo, mais interessadas na expropriação de mais-valor do que na liberação do trabalhador para a contemplação no ócio ou a recreação no lazer.

Com o alastramento, a partir das últimas décadas do século passado, da terceira Revolução Industrial – baseada na difusão de novas tecnologias, como a microeletrônica, a robótica e a informática, e de novos modelos de produção e gestão –, aliada ao neoliberalismo, um número crescente de indivíduos mundo afora se vê entre a cruz e a espada. De um lado, o desemprego, do outro, um trabalho a cada dia mais absorvente, exigente, instável, estressante (LOBO, 2003: 12).

Nesse contexto, não são evidentes os indícios de que nos aproximamos da civilização do ócio criativo. Ao contrário, como destaca Robert Kurz (2003: 21), “a lógica do capital torna cada vez mais evidente a sua brutalidade essencial. (...) O capital cobiça insaciavelmente o trabalho humano que deve transformar-se em cada vez mais capital”. Enfim, nesse contexto e com o atual estágio de desenvolvimento tecnológico,

o trabalho conhece uma crise socioeconômica e cultural que transforma suas modalidades. Daí resulta uma nova relação entre trabalho e lazer, entre esferas doméstica e profissional, virtualização de uma parte das trocas sociais e econômicas e, paradoxalmente, possibilidade de revalorização da interação face-a-face (ROSSEL et al., 1998: 281).

Emergem-se, daí, as condições adequadas para o desenvolvimento do teletrabalho. Um contexto de possibilidades tecnológicas para flexibilizar os limites entre os tempos de trabalho e de não-trabalho, onde o trabalhador “dispõe-se” a abarcar uma sobrecarga de atividades e num momento em que o capital explora novas formas de superação da crise a que (quase) esteve submetido nos últimos tempos, parecem condições perfeitas para se desenvolver o que estamos denominando de

colonização da subjetividade, como evolução da *colonização dos tempos de reprodução*. Veremos isso adiante.

Como destacam Rossel et al. (1998: 267), sob a falsa promessa de *mais tempo livre*, o trabalhador é seduzido a exercer uma dupla jornada: uma no seu tempo de produção e outra, como teletrabalhador, no seu tempo livre. Como consequência, há, obviamente, uma precarização das suas condições de trabalho; especialmente porque essa segunda jornada é aceita, geralmente, como fonte de renda complementar e, por isso, firmada com contratos de trabalho precário (salário baixo ou sobrecarga de atividades, por exemplo). Pergunta-se, nessas circunstâncias, onde estaria o caráter revolucionário da redução da jornada de trabalho... ou, de outra forma, o que significa (aumento de) tempo livre nesta Idade Mídia?

David Harvey (2001) recorre a Hareven (1982) para mostrar que, no contexto atual (denominado pós-moderno), o tempo de não-trabalho é progressivamente minado e tomado pela busca incessante de acumulação do capital. Hareven define “tempo da família” como o tempo para criar os filhos e transferir conhecimento e bens entre gerações através de redes de parentesco.

Podemos ver como o “tempo da família” pode ser mobilizado para atender às exigências do “tempo industrial”, que aloca e realoca trabalho para tarefas segundo vigorosos ritmos de mudança tecnológica e locacional forjados pela busca incessante de acumulação do capital (HARVEY, 2001: 188).

A experiência do teletrabalho configura-se nessa perspectiva de mobilização do “tempo da família” para atendimento ao “tempo industrial”. O momento histórico atual (ou o desenvolvimento tecnológico atual) apresenta as condições adequadas para a exploração capitalista de atividades no tempo livre do trabalhador. Harvey (2001: 189) afirma que “cada modo distinto de produção ou formação social incorpora um agregado particular de práticas e conceitos do tempo e do espaço”. Ao teletrabalho como formação social atual, agregam-se práticas e conceitos espaço-temporais peculiares, marcados pela fluidez, flexibilidade e virtualidade literais.

3. A percepção docente sobre uma sala de aula muito engraçada

A vida digital exigirá cada vez menos que você esteja num determinado lugar em determinada hora, e a transmissão do próprio lugar vai começar a se tornar realidade. (...) Se, em vez de ir trabalhar levando meus átomos para o centro da cidade, eu acessar meu escritório e fizer meu serviço por via eletrônica, qual será meu local de trabalho? (NEGROPONTE, 1995: 159).

O que é a nova sala de aula, isto é, o que é o local de trabalho do docente virtual? Para Frago e Escolano (2001: 62), *a escola ocupa um espaço e um lugar: um espaço projetado ou não para tal uso e um lugar por ser um espaço ocupado e utilizado*. Questiona-se, portanto: Como a escola virtual é percebida pelo educador? Mill (2006) analisou a forma de organização dos tempos e espaços da EaD. Agora, teremos a oportunidade de perceber como os próprios teletrabalhadores estão organizando, na prática, seus espaço-tempos nas atividades virtuais.

Assim, será preciso considerar a análise feita sobre os aspectos espaço-temporais do trabalho pedagógico na Idade Mídia, com especial atenção à importância dos tempos e espaços escolares, que constituem fatores fundantes para a compreensão do processo de trabalho pedagógico, inclusive para o seu desenvolvimento. Conforme Mill (2006), a sala de aula e outros espaços educacionais são tecnologias desenvolvidas para dar suporte a diferenciadas propostas pedagógicas. Reside, nesse espaço escolar, uma importância formadora. A forma como ele está organizado interna e externamente, a definição das suas unidades de funcionamento, como ele é explorado, apropriado, ocupado e definido evidenciam a história dos grupos que o conformam.

Dussel e Caruso (2003: 235) afirmaram que a história da sala de aula manteve-se quase que imutável nos últimos cinco séculos (ou antes), mas podem ser percebidas, desde meados do século XX, afirmam, bruscas mudanças nessa história em função de instalação da técnica e da tecnologia no contexto escolar. Como conclusão, Mill (2006) afirma que se trata, simplesmente, de uma sala de aula com outra materialidade e com temporalidade distinta. Como argumentaram Frago e Escolano (2001: 78), o que percebemos são *lugares, isto é, espaços elaborados, constituídos. Espaços com significados e representações de espaços*. Todo espaço é um lugar percebido e essa percepção é um processo cultural, daí nosso interesse em compreender como os

teletrabalhadores docentes compreendem não apenas seus espaços de trabalho pedagógico, mas também seu espaço de descanso e lazer.

4. Uso dos tempos e espaços pelo trabalhador da EaD virtual: o que dizem os dados da pesquisa?

Tendo como objetivo entender como os próprios tutores virtuais percebem seus tempos e espaços de vida privada e de trabalho, fizemos algumas perguntas aos 150 docentes da EaD participantes desta pesquisa. As informações fornecidas foram sistematizadas e são apresentadas a seguir.

Foi perguntado aos participantes da pesquisa: *Você realiza alguma atividade docente em casa?* O resultado, após sistematização, gerou o gráfico da Figura 1.

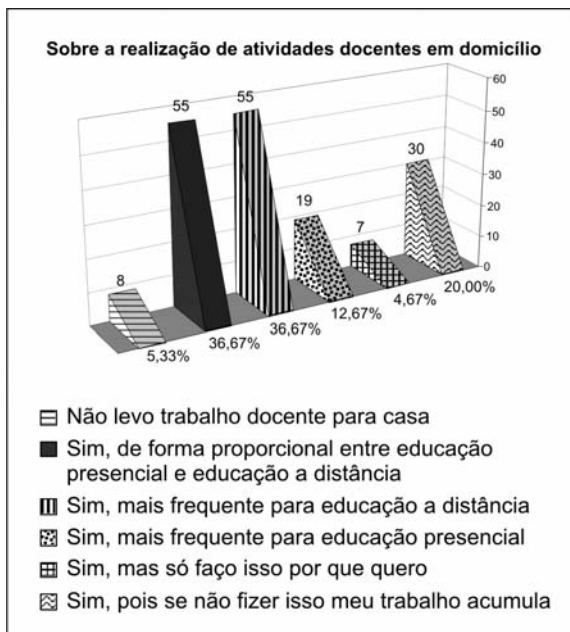


Figura 1. Percepção dos investigados sobre a realização de atividades docentes no âmbito domiciliar.

Nesta figura, observa-se que apenas 5,33% do total de participantes da pesquisa informam não levar trabalho para casa. Menos de 5% é o percentual de docentes que leva trabalho para casa por opção. A preocupação com o acúmulo de trabalho leva 20% dos docentes a continuarem o trabalho em casa. Uma tentativa de comparar o volume de trabalho realizado em domicílio entre a docência presencial e a docência a distância demonstra que o teletrabalho docente promove o aumento da realização de atividades em casa. Somando os 19 educadores que disseram ser mais frequente a realização de “trabalho presencial” em domicílio com os 55 docentes que responderam “Sim, de forma proporcional entre a educação presencial e EaD”, obtemos um percentual menor que 50%. O mesmo somatório para EaD, isto é, a soma das respostas de “Sim, mais frequente para a EaD” com aquelas “Sim, de forma proporcional entre a educação presencial e EaD”, reporta um total de 73,34% teletrabalhadores que realizam atividades em domicílio. De modo geral, a Figura 1 explicita um aumento significativo nas iniciativas de utilizar o tempo e o espaço doméstico para o trabalho docente. Isso é facilmente justificável, pois este é um dos princípios do teletrabalho.

Num outro momento, foi solicitado aos tutores uma *comparação entre os seus espaços e tempos de trabalho virtual e presencial*. Graficamente, o resultado é o que pode ser visto na Figura 2.

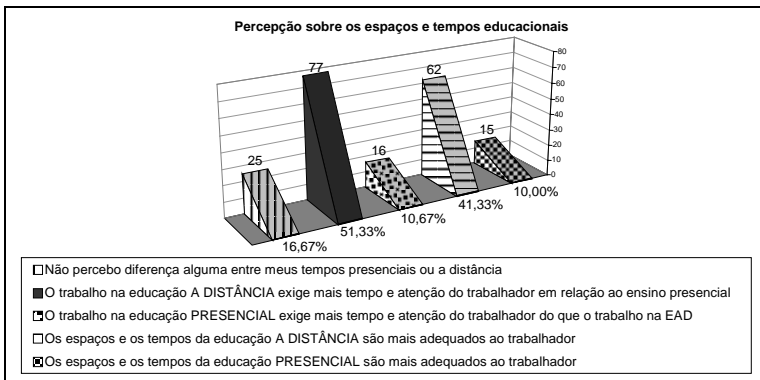


Figura 2. Percepção dos investigadores sobre a adequabilidade dos espaços e tempos do trabalho docente.

Pelos dados da Figura 2, podemos ver que, quando comparado o trabalho docente da EaD com o trabalho docente presencial, mais de metade dos participantes da pesquisa (51,33%) consideram o trabalho na EaD mais exigente em termos de tempo e atenção do trabalhador. Entretanto, 41,33% dos docentes consultados consideram os espaços e os tempos da EaD mais adequados ao trabalhador do que aqueles do trabalho docente presencial. Esse valor é relativamente alto se comparado com os 10% de docentes da educação presencial que consideram os espaços e os tempos da educação presencial mais adequados ao trabalhador. Apenas 10,67% dos docentes vêem a EaD como menos exigente do que a educação presencial em termos de tempo e atenção do trabalhador. Outros 16,67% não percebem diferença alguma entre seus tempos de trabalho presencial e os tempos de trabalho da EaD.

Nesta mesma questão, foi disponibilizado, aos participantes da pesquisa, um espaço para comentários espontâneos. Alguns comentários foram deixados e merecem algum destaque aqui. Vários argumentos giram em torno da dificuldade de comparar os tempos e espaços do trabalho na EaD com os do trabalho que desenvolvem presencialmente — é o que indicam os Comentários A, B, C e D.

Cada uma dessas modalidades exige tipos de atenção diferentes que não podem ser comparadas apenas em termos de tempo e espaço (Comentário A).

Cada trabalho tem suas características, é difícil comparar. Para cada qual, posso citar seus fardos e suas facilidades. Não comparo! (Comentário B)

Acredito que são tempos e espaços diferentes, não necessariamente mais difíceis. A EaD tem aspectos melhores e piores em relação aos cursos presenciais. É difícil comparar! (Comentário C).

Penso que qualquer comparação como essa simplifica demais a questão. Os paradigmas são distintos. Não comparo uma modalidade à outra, pois são atividades diferentes (Comentário D).

Dentre os comentários deixados sobre a questão comparativa dos tempos e espaços da EaD e da Educação presencial, observam-se também algumas preocupações dos docentes virtuais. O Comentário E indica certa inquietude com a sobrecarga de atividades para o tele-

trabalhador da EaD, com o controle do sistema virtual do curso (*software*) e com o aumento do tempo disponível ao curso.

Uma turma média de EaD tem o triplo de alunos que no presencial e exige muito tempo para correção de provas e atividades. Como a ferramenta exige contato permanente, normalmente o número de atividades é muito maior que no presencial e, portanto, o tempo dedicado para preparação e correção das mesmas é muito extenso (Comentário E).

Percebe-se, também, certa angústia com a disponibilidade pessoal de “24h” por dia (Comentário F). Observam-se algumas preocupações em torno da exigência de atenção dos alunos da EaD, da idéia dos diálogos professor-alunos (e-mails, por exemplo) registrados como documentos e também da possibilidade de frustração de professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem (Comentário G). O Comentário H insinua que os tempos e espaços da EaD parecem mais cansativos e menos desumanos.

O trabalho com o ensino a distância faz com que nós sintamos exigidos todos os dias da semana, pois sempre há uma dúvida ou contato dos alunos principalmente nos finais de semana (Comentário F).

O ensino a distância exige um maior empenho do professor, principalmente porque todas as suas ações são documentadas. É uma ferramenta muito boa, mas, caso não haja uma intensa dedicação do professor, os alunos se sentem desamparados (Comentário G).

O trabalho presencial é menos cansativo e exige menos atenção, é mais dinâmico e humano. (...) a metodologia utilizada pela minha instituição, que nos obriga permanecer muito tempo cuidando dos alunos a distância (Comentário H).

A questão da disponibilidade temporal dedicada ao aluno traz consigo desdobramentos diversos (Comentários I e J), que demonstram certa angústia ou sentimento de improdutividade em relação ao uso do tempo.

Se você não estipular uma hora para entrar e sair do ambiente virtual de aprendizagem você passa o dia entrando para

verificar novas mensagens e atividades, o que torna o nosso tempo improdutivo (Comentário I).

Na Educação Presencial o aluno te vê uma vez por semana, na EaD o aluno pode corresponder contigo a qualquer hora, e o professor deve dar o retorno. Por isso acredito que seja mais trabalhoso e menos prazeroso (Comentário J).

Obviamente, entre os comentários, havia aspectos positivos do trabalho na EaD e, curiosamente, também estavam relacionados à questão da flexibilidade e adequação espaço-temporal (Comentários K, L e M).

A EaD te permite maior flexibilidade de horários (Comentário K).

Como posso trabalhar em casa e em horários flexíveis, o tempo e o espaço da EaD são mais adequados para mim (Comentário L).

O trabalho com EaD exige mais atenção do trabalhador, mas há uma flexibilidade de horários que permite ao trabalhador uma melhor qualidade de vida e também do próprio trabalho (Comentário M).

A Figura 3 foi gerada a partir de itens referentes ao uso da Internet no teletrabalho. Além dos itens constantes na imagem gráfica, havia ainda um outro item: *a Internet não ajuda em nada no desenvolvimento do trabalho do professor*. Mas ele não aparece na Figura 3, porque nenhum docente consultado fez opção por este item, ou seja, todos os 150 docentes vêem a Internet como útil ao trabalho docente. Percebe-se, entretanto, que apenas 24,67% deles tomam a Internet como imprescindível à realização de suas atividades docentes. Um elevado percentual de pesquisados acredita que a Internet estimula a realização das atividades docentes em domicílio, porém apenas 34% deles percebem que o teletrabalho pela Internet reduz o tempo de descanso do trabalhador. Já 42,67% dos docentes consideram que a Internet facilita a vida do trabalhador docente e ainda agiliza o seu trabalho.

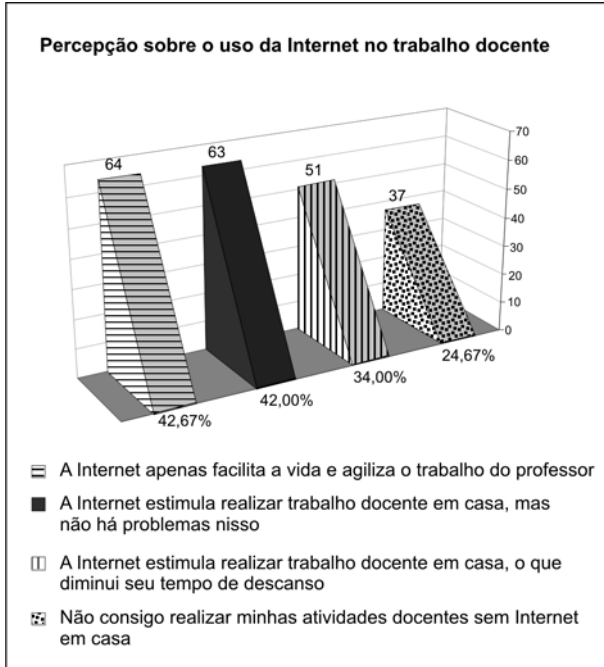


Figura 3. Percepção dos investigadores sobre o uso da Internet no trabalho docente.

Entre os comentários espontâneos sobre o uso da Internet no trabalho docente em geral, mais da metade referiu-se a esse *novo meio de pesquisa e comunicação* como indispensável ao docente desta geração da era cibernética (Comentário N). No entanto, não foram poucos os comentários salientando que se trata apenas de uma ferramenta e, apesar de ser uma ferramenta espetacular e importantíssima ao ensino-aprendizagem, não é nem deve ser o foco das atenções de nenhuma aula. *A Internet é um instrumento facilitador do trabalho docente e assim deve ser visto* sob pena de prejudicar não somente a aprendizagem do aluno, como também a qualidade de vida e do trabalho do docente⁴.

⁴ Frase extraída de dois comentários de docentes de instituições distintas.

Há muito deixei de planejar minhas aulas segundo um conjunto de obras publicadas e postas em bibliografia da disciplina. Ao lado destas, busco na Internet o tratamento do tema em meu país e em outros países e levo aos meus uma outra visão (Comentário N).

Vale destacar, ainda, comentários preocupados com o uso intensivo da Internet no trabalho docente. Ela pode representar perigos quando o docente não tiver uma autodisciplina e organização muito rigorosas. É preciso que o trabalhador respeite o uso que faz da Internet (Comentários O e P).

A dosagem de todas as atividades é importante para manter uma vida saudável, porém nem sempre conseguimos... Sem Internet em casa, eu já trabalhava em casa corrigindo trabalhos e coisas do tipo, mas não costumava passar tanto tempo assim (Comentário O).

Ao mesmo tempo em que a Internet agiliza a vida, se o professor não se policiar a respeito de seu uso, pode acabar prejudicando o ritmo de suas atividades profissionais e pessoais (Comentário P).

As próximas imagens (Figuras 4, 5 e 6) apresentam informações referentes a um grupo de 59 educadores⁵. Os teletrabalhadores docentes foram consultados também sobre o uso que fazem do seu tempo de trabalho, de descanso e de lazer. O resultado da enquête foi disposto na Figura 4. Por uma análise inversa, pode-se dizer que quase 75% dos docentes percebem alguma influência das novas tecnologias em seu tempo de trabalho sobre seu tempo de descanso. Ainda na perspectiva inversa, podemos observar que mais de 91,5% dos participantes da pesquisa fazem algum uso do seu tempo de descanso para trabalhos com EaD. Os dados demonstram que são baixos os percentuais de teletrabalhadores docentes que não gostam de realizar trabalho quando estão em sua residência (5,08%) e daqueles que consideram o seu tempo de lazer sagrado e intocável (8,47%). Aproximi-

⁵ Os dados coletados para esta investigação foram organizados em dois grupos por terem sido coletados em duas fases diferentes e com amostras distintas (primeiro grupo de dados contém informações de 150 trabalhadores da EaD e o segundo grupo, que está contido no primeiro, era composto por apenas 59 dos teletrabalhadores consultados no primeiro grupo).

madamente um quarto dos participantes da pesquisa considera que seu **trabalho presencial** interfere de alguma forma no seu tempo ou espaço de lazer (25,42%), ao passo que o percentual daqueles que percebem interferência do **trabalho a distância** sobre seu tempo ou espaço de lazer é de 40,68%. Foi um pouco maior o número de teletrabalhadores docentes que confirmam alguma alteração em seus espaços e tempos de convívio familiar ou de privacidade após começarem a trabalhar com EaD virtual (44,07%).

Ainda sobre o uso do tempo do educador virtual, mas em relação aos seus horários de trabalho ou de descanso, obtivemos os seguintes dados dispostos na Figura 5. Observa-se que, geralmente, 42,37% dos trabalhadores consultados atendem seus **alunos da educação presencial**, não importando o lugar ou o horário em que o procuram. Em relação à EaD, esse percentual é maior (54,24%). Sobre a flexibilização ou delimitação do tempo de trabalho, pouco mais da metade dos participantes da pesquisa (50,85%) afirmam que conseguem delimitar bem o seu tempo de trabalho na EaD, mesmo que pareça a noção de que toda hora é hora de trabalho. Entretanto, foi relativamente baixo (11,86%) o número de docentes que estabeleceram que, mesmo quando os alunos precisam, não os atendem fora do seu tempo de trabalho. Por fim, em torno de 15% (50,85% menos 35,59%) desses teletrabalhadores ainda parecem apresentar alguma dificuldade em delimitar esse tempo.

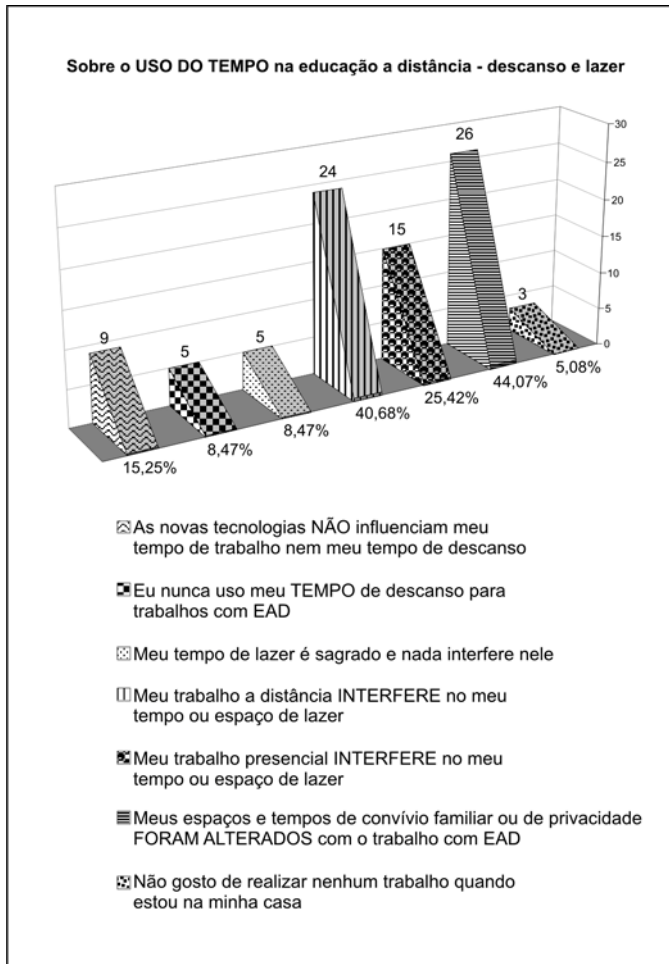


Figura 4. Percepção dos trabalhadores da EaD sobre o uso do próprio tempo em relação ao lazer e ao descanso.

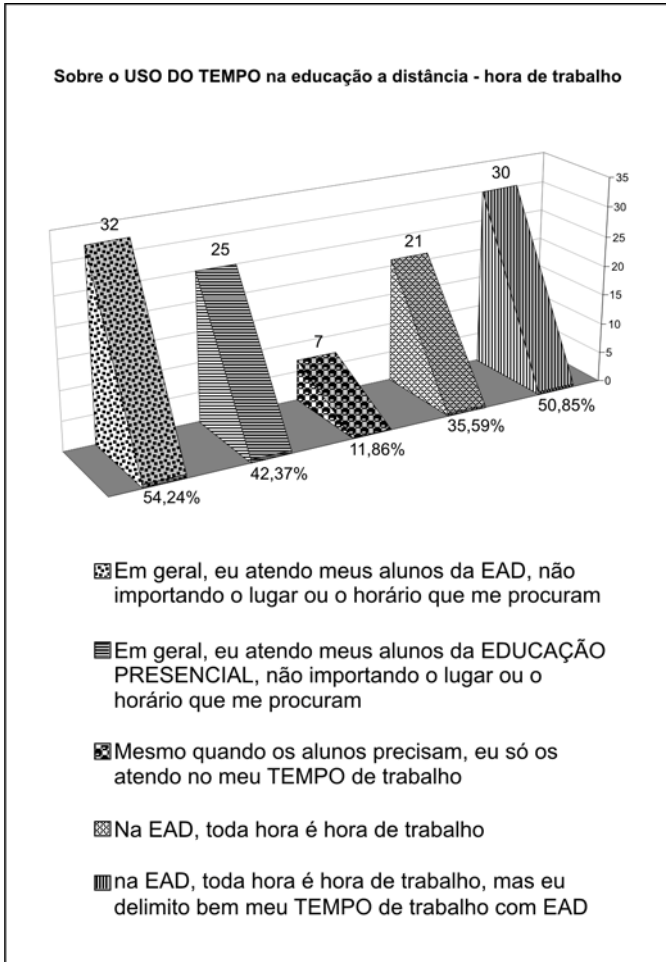


Figura 5. Percepção dos trabalhadores da EaD sobre o uso do próprio tempo em relação ao horário de trabalho ou de descanso.

Percebe-se que as Figuras 4 e 5 estão relacionadas ao uso que o docente virtual faz do seu tempo. Entre os comentários feitos sobre essa questão, verificamos que é vívida a preocupação com o respeito aos limites dos próprios tempos (Comentário Q), e isso deve passar por uma negociação de agenda com os discentes (Comentário R).

É necessário respeitar limites..., mas a gente sempre trabalha a mais do que é de fato remunerado (Comentário Q).

Como já falei, eu tento delimitar meu tempo. (...) Os alunos sabem quais são os meus horários de atendimento e somente me procuram neste tempo (mesmo quando enviam um e-mail sabem que a resposta somente vai ser dada nos dias de atendimento) (Comentário R).

O uso que o educador faz do próprio tempo é visto como de responsabilidade pessoal e, por vezes, pode ser benéfico (Comentário S). Parece mais uma questão de organização pessoal do que um problema do teletrabalho docente (Comentário T).

Você adquire mais mobilidade. Se precisar pagar contas na segunda feira, pode trabalhar no domingo. Há uma transferência, mas isso é responsabilidade sua (Comentário S).

Mesmo interferindo em alguns horários, eu não me incomodo, pois divido meu horário de acordo com minhas necessidades!!! (Comentário T).

É importante observar também que alguns comentários enfatizaram que o problema dos limites temporais para o trabalho e a vida privada atinge também o trabalho docente presencial (Comentários U, V e X), ainda que o educador virtual tenha menor autonomia sobre sua agenda e que a flexibilidade no horário de atendimento seja maior e menos controlável no caso da EaD (Comentário Y).

Considero que também na educação presencial toda hora é hora de trabalho (afinal, tenho que preparar conteúdos, corrigir trabalhos, etc., que são atividades que realizo quando consigo tempo). Meus espaços e tempos de convívio familiar ou de privacidade foram alterados com o trabalho com educação presencial e não somente com as atividades da EaD (Comentário U).

Com a quantidade de alunos e a carga horária, tanto EaD como presencial não há como não ocorrer interferência de trabalhos nos horários livres (Comentário V).

Uso muito dos meus finais de semana para avaliar trabalhos da EaD, preparar aulas e provas para o presencial. Sempre cedemos (Comentário X).

Em relação ao presencial tenho controle no atendimento, pois nós que agendamos hora e local, o que não acontece na EaD. Além disso, na EaD nem sempre há autonomia na agenda do educador (Comentário Y).

Assim como em relação ao uso do tempo, consultamos os teletrabalhadores docentes sobre o uso que fazem dos seus espaços de trabalho, de descanso e de lazer. A Figura 6 condensa os resultados da questão. Pode ser verificado que 45,76% dos docentes percebem alguma influência das tecnologias de informação e comunicação sobre seus espaços de convívio familiar ou de privacidade.

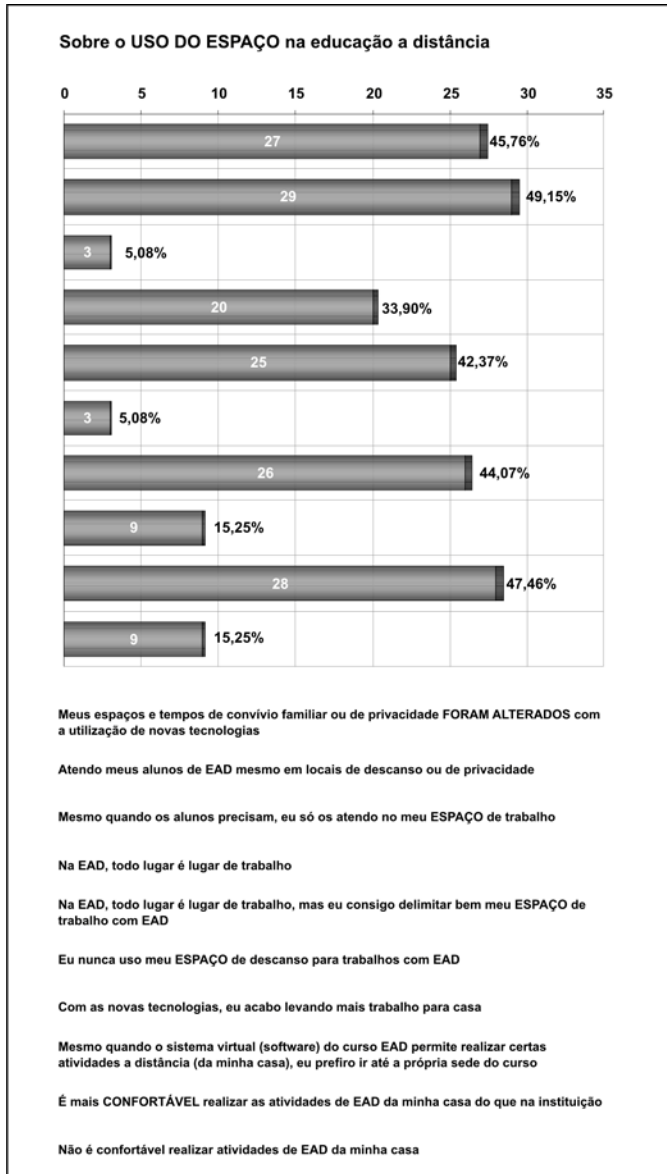


Figura 6. Percepção dos trabalhadores da Ead sobre o uso dos espaços de trabalho e de descanso na Ead virtual.

Observa-se que quase metade dos docentes virtuais (49,15%) atende seus alunos da EaD, mesmo em locais de descanso ou de privacidade. Entretanto, se fizermos uma análise inversa da quantidade de educadores que responderam que só atendem seus alunos em espaços de trabalho, percebemos que quase 95% dos participantes não o fazem, ou seja, 94,92% deles não julgam um problema atender seus alunos fora do seu espaço de trabalho.

Ainda sobre a mencionada flexibilização ou delimitação do espaço de trabalho, pouco menos da metade dos participantes da pesquisa (42,37%) afirmam que conseguem delimitar bem o seu espaço de trabalho na EaD, mesmo que pare a noção de que todo lugar é lugar de trabalho. Pelo visto, em torno de 8,27% ainda têm alguma dificuldade de delimitar esse tempo de trabalho.

Foi relativamente baixo o percentual de participantes da pesquisa que fizeram opção pelo item *eu nunca uso meu espaço de descanso para trabalhos com EaD* (5,08%). Salvo por detalhes outros (como abstenção, por exemplo), isso significa que quase 95% fazem uso do seu espaço de trabalho para fins de trabalho com EaD. Um percentual de 44,07% dos docentes afirma que, devido ao atual estágio de desenvolvimento tecnológico, acabam levando mais trabalho para ser feito em casa.

Numa tentativa de comparar a residência do trabalhador com a sede da instituição a que está vinculado, em termos de preferência e de conforto para a realização das atividades de EaD, observa-se que quase metade (47,46%) dos docentes considera mais confortável realizar as atividades de EaD na própria residência, ao passo que 15,25% dos teletrabalhadores docentes pensam não ser confortável trabalhar em sua residência. Esse mesmo percentual (15,25%) de docentes afirmou que, independentemente das possibilidades de realização do trabalho em sua casa, preferem fazê-lo na sede da instituição mantenedora do curso.

Foram deixados poucos comentários sobre a questão da flexibilidade do espaço frente ao desenvolvimento tecnológico atual. Dentre os mais significativos, temos o Comentário Z, que indica que *o local de trabalho faz a diferença*, e o Comentário AA, que, apesar de estar numa categoria organização do TEMPO e não do ESPAÇO de trabalho, consideramos um comentário-chave, pois retrata possíveis prejuízos da flexibilidade espaço-temporal do teletrabalho docente e ainda indica alguns cuidados: delimitar prazos e lugares.

Quanto “ser mais confortável realizar as atividades de EaD da minha casa do que na instituição”, acredito ser evidente que, se vou passar quatro horas na frente da máquina, prefiro estar em casa, em minha cadeira, com minha família em volta (mesmo que só presencialmente), com roupas confortáveis, do que na instituição (Comentário Z).

Claro que a tecnologia afeta toda a organização do nosso tempo de trabalho e lazer. Os professores precisam, portanto, buscar meios de controlar seu trabalho. Muitos professores aceitam que os alunos enviem as atividades em qualquer momento ao longo do curso, o que causa um acúmulo de trabalho. Mesmo sendo EaD é preciso trabalhar com prazos claros, ou realmente vamos terminar trabalhando de domingo a domingo (Comentário AA).

Considerando que, em geral, o trabalho assalariado é monitorado (ou controlado) por gestores, seja ele docente ou não, seja ele presencial ou virtual, fizemos um esforço para compreender como o tempo e o espaço do trabalhador docente da EaD virtual são monitorados. Sabendo que os sistemas digitais e virtuais, largamente utilizados no teletrabalho docente, fornecem suporte para precisos e infinitos tipos de controle, tivemos a curiosidade de saber como os tutores virtuais concebem esses mecanismos de monitoramento do seu trabalho e como esses sistemas têm sido implementados na prática pedagógica.

A Figura 7 representa respostas ao questionamento sobre os sistemas de monitoramento do teletrabalho docente por meio de *software*. Entre os 150 educadores que responderam à questão, 70 deles (46,67%) consideram o trabalho docente pela Internet mais monitorado do que o trabalho na sala de aula presencial. Mais de um terço dos teletrabalhadores consultados disseram que o sistema de comunicação entre educador-educando (34,67%) e todas as atividades do trabalhador virtual (35,33%) são monitorados pelo sistema de aprendizagem virtual (*software* do curso). Outros 24% dos trabalhadores virtuais informam que o *software* do curso monitora também os seus tempos de trabalho. O restante afirma desconhecer a existência de monitoramento sobre seus tempos e atividades no curso (13,33%) ou julgam nunca ter tido restrição de acesso a informações sobre o curso.

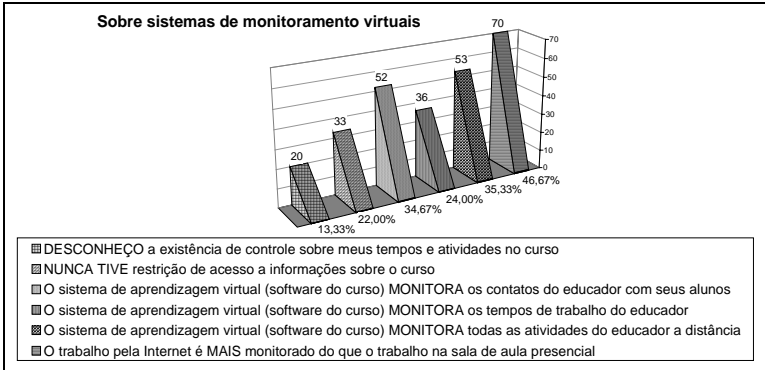


Figura 7. Percepção dos investigadores sobre os sistemas de monitoramento virtuais para o trabalho docente da EaD.

Conforme o Comentário BB, um bom número de teletrabalhadores docentes têm consciência da possibilidade de controlar (monitorar) tudo, embora vários deles não vejam problemas nisso. Estes afirmam que ainda não perceberam uso perverso do sistema de monitoramento virtual (Comentários CC e DD).

Tudo é monitorado, o sistema é mais controlador do que se possa imaginar: os acessos e até os e-mails (Comentário BB).

O *software* do curso permite o monitoramento de todas as alternativas assinaladas. Embora ainda não haja cobrança, isso pode ocorrer (Comentário CC).

Não tive conhecimento de nenhum tipo de monitoramento, [mas sei que] as aulas gravadas ficam sob a guarda da universidade. Isto possibilita um controle muito maior sobre o trabalho docente do que o controle que é possível no caso de aulas presenciais (Comentário DD).

Observa-se também que alguns comentários giram em torno dos “benefícios” do sistema de monitoramento. Pelos Comentários EE e FF, monitoramento é visto como transparência e responsabilidade, respectivamente; nos Comentários GG e HH, é tomado como estratégia de avaliação de desempenho do educador e como base para o desenvolvimento de processos de formação ou requalificação.

Acredito que o ensino a distância é mais transparente que o presencial, já que tudo fica registrado na internet e boa parte desta informação a instituição e o professor têm acesso (Comentário EE).

O ambiente virtual abre possibilidade de realização de todos os controles desejados, o que necessariamente não incomoda, mas amplia a responsabilidade (Comentário FF).

O acompanhamento das atividades de professores-tutores é uma maneira de avaliar seu desempenho. Isso é bom pra o tutor, pra a IES e para o aluno (Comentário GG).

Não vejo problemas no monitoramento, o importante é que não se perca a finalidade do controle e que seja realizado com comitadamente à oferta de um programa de desenvolvimento profissional aos tutores (Comentário HH).

A questão do *valor do trabalho* na concepção do teletrabalhador docente também pode fornecer alguns elementos para a análise do uso dos tempos e espaços deste docente. Por isso, tentamos verificar quais as concepções mais recorrentes de valorização do trabalho entre os trabalhadores da EaD virtual. Sistematizamos as respostas em dois blocos: a) processo de valorização do teletrabalho em geral e b) valorização do trabalho feminino na EaD. Os dados foram organizados graficamente na Figura 8.

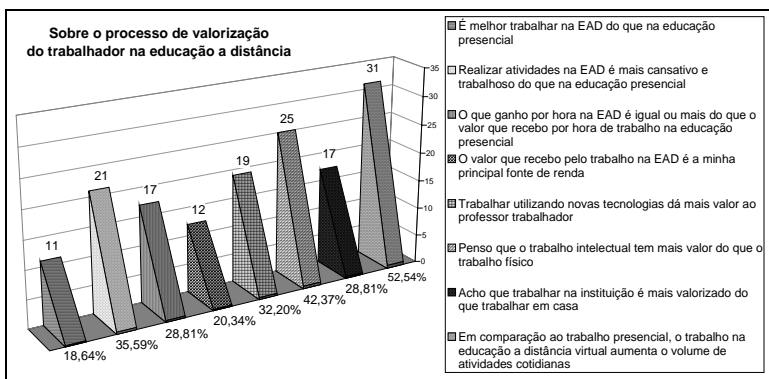


Figura 8. Percepção dos trabalhadores da EaD sobre o processo de valorização do trabalho virtual de forma genérica.

Em relação à percepção dos trabalhadores da EaD sobre o processo de valorização do trabalho virtual de forma mais genérica (Figura 8), não parece haver muito de surpreendente. Observa-se que a concepção de que *trabalhar na EaD seria melhor do que trabalhar na educação presencial* não chega à quinta parte da amostra de docentes consultados (18,64%). O percentual dos docentes virtuais que consideram que *trabalhar na instituição é mais valorizado do que trabalhar em casa* atinge 28,81%; entretanto, os dados demonstram que maior valorização é dada ao trabalho intelectual quando comparado com o físico (42,37%). Quase um terço dos participantes da pesquisa (32,20%) consideram que as tecnologias de informação e comunicação agregam valor ao trabalho docente.

Se a quantidade de teletrabalhadores docentes que consideram a realização de atividades na EaD mais cansativa e trabalhosa do que na educação presencial atinge um percentual de 35,59%, é bem superior o número daqueles que afirmam que o trabalho na EaD virtual aumenta o volume de atividades cotidianas, quando comparado ao trabalho presencial (52,54%). Talvez a informação mais interessante da Figura 8 esteja no dado de que apenas um quinto (20,34%) dos teletrabalhadores docentes têm na EaD sua principal fonte de renda. Isso dá à EaD um caráter de campo de trabalho para complementar a renda do grupo familiar. Vale salientar, no entanto, que 28,81% dos docentes consultados recebem, por hora trabalhada, um valor superior ao que habitualmente recebem em trabalhos presenciais.

5. A propósito do espaço-tempo de descanso da EaD: implicações

Segundo Harvey (2001: 201), *a história da mudança social é em parte apreendida pela história das concepções de espaço e de tempo, bem como aos usos ideológicos que podem ser dados a essas concepções*. Isso nos leva a questionar quais novos sentidos para o espaço e o tempo foram construídos pelos docentes da EaD, ou, menos do que isso, pergunta-se como os tutores virtuais percebem as fronteiras entre os tempos e espaços de produção e aqueles de reprodução.

Nesse sentido, tentamos analisar o tempo e o espaço de trabalho do docente virtual como fenômenos qualitativos. Conforme Hassard (1996), a literatura carece desse tipo de análise.

Poucos autores mostraram como os trabalhadores vivenciam o caráter qualitativo e heterogêneo do tempo de trabalho, co-

mo eles atribuem um significado à recorrência dos acontecimentos periódicos e elaboram seus próprios sistemas de avaliação do tempo (HASSARD, 1996: 176).

Mill (2006) demonstra que as tecnologias de informação e comunicação levaram o espaço de muitos trabalhadores e de suas famílias a se transformar também num espaço de trabalho e desmanchou, quase por completo, os limites espaço-temporais entre a produção e a reprodução. Os dados anteriores complementam o argumento: o espaço e parte do tempo de reprodução, que, segundo Karl Marx, são vitais para subsistência produtiva do trabalhador, transformaram-se num espaço-tempo de trabalho, para uma segunda ou terceira jornada de trabalho formal. Os dados revelam que, muitas vezes, os usos que o teletrabalhador docente faz do seu tempo e espaço de descanso não têm cumprido essa função de reprodução das condições de trabalho e, muito menos, atendem às peculiaridades de um espaço-tempo de lazer ou de convivência familiar.

Apesar de não ter dados estatísticos a esse respeito, sabemos que, mesmo no trabalho docente presencial, é comum a realização de algumas atividades no espaço e tempo familiar ou de descanso. Entretanto, não acreditamos que seja aproximado aos 95% observados nesta investigação. Esse elevado percentual, associado à baixa quantidade de docentes que fazem isso por opção, revela que a realização de trabalho em domicílio é muito frequente no trabalho docente virtual. Os dados revelaram também que o volume de trabalho realizado em domicílio é maior no teletrabalho docente. Em primeira instância, isso pode ser tomado como normal e justificável, pois se trata de teletrabalho virtual. Teletrabalho implica trabalho em casa, quase que necessariamente. O problema é como administrar bem o mesmo espaço-tempo para a produção e reprodução. Como usar o espaço e o tempo para a realização das atividades do trabalho e para dedicar à família, ao lazer e ao descanso?

Ao falar de *ecologia temporal*, Grossin (1996) parte da idéia de *inadaptações temporais*. Ele denuncia a contração de uma organização irresponsável ou uma patologia de existências desequilibradas, o que pode afetar a tomada de consciência coletiva. A vida moderna nos trouxe um sistema produtivo capaz de fornecer tudo, salvo os “bons tempos”. Para Grossin (1996), perdemos muito tempo querendo ganhá-lo.

É paradoxal. Nós lutamos para reduzir a duração do trabalho e, ao mesmo tempo, aceitamos obrigações mais numerosas

que devoram muito mais do que o tempo livre anteriormente conquistado. (...) Inculcamos, desde a infância, a idéia de futuros atores com uma noção de um tempo quantitativo e o seu equivalente monetário. Em nome disto, reforçam-se as exigências de pontualidade e multiplicam-se as funções temporais coercitivas. (...) Mesmo na distração, convencemo-nos de que cada minuto tem seu preço (GROSSIN, 1996: 221).

Nessa discussão, William Grossin (1996) revela que, na modernidade, *os tempos individuais estão subordinados aos tempos socialmente organizados*. O autor toma emprestada uma expressão de Montjardini (1989: 41-3): *os tempos sociais “colonizam os tempos pessoais”*. Nessas condições, o que não faltam são conselhos para escapar-se. Subjacente a isso está a noção de que, no bojo da contração temporal, *é necessário que cada indivíduo saiba gerir seus tempos* (GROSSIN, 1996: 221).

Pelo Quadro 1, vimos que o tempo do trabalhador é dividido em *tempo de trabalho* e *tempo de não-trabalho*. Vimos também que o tempo de não-trabalho pode ser dividido em *tempo dedicado a obrigações* paraprofissionais, familiares etc. e *tempo livre*. Por fim, vimos que este tempo livre divide-se em *tempo de lazer* e *tempo de ócio*. Agora, após analisar os dados fornecidos pelos tutores virtuais participantes da pesquisa, questiona-se até que ponto o teletrabalhador é realmente capaz de manter claras essas fronteiras temporais. Os dados demonstraram que, em geral, os tutores não conseguem fazê-lo. Trata-se de uma linha muito tênue, geralmente rompida pela necessidade de não acumular trabalho e pela responsabilidade com seus afazeres. Aspectos como a sobrecarga de trabalho, mencionada repetidas vezes nas respostas dos tutores virtuais, parecem estar no centro das dificuldades de não usar o tempo de descanso para realizar alguma atividade docente. Por vezes, é a dificuldade de organização pessoal que provoca a sobrecarga ou o “desperdício” de tempo (Comentário II):

Hoje em dia eu chego em casa e, inclusive nos finais de semana, vou checar a Internet para ver se algum aluno deixou uma mensagem, se há dúvidas etc. Fico angustiada com isso, mas não consigo deixar pra lá (Comentário II).

Apesar das preocupações com o uso intensivo da Internet no trabalho docente, ela é considerada elemento essencial à realização das atividades docentes da EaD. A dica dos tutores consultados é que, desde que o docente cultive sua autodisciplina e tenha uma organização muito

rigorosa, não são graves os problemas decorrentes do teletrabalho. Para atuar no teletrabalho, o docente deve respeitar seus limites pessoais e aprender a dosar muito bem o volume e a carga de trabalho a ser realizada no tempo estipulado. O problema é que não se aprende a gerir o próprio tempo e o próprio espaço de trabalho de um dia para o outro. Será preciso cultivar isso, entre outros cuidados: lutar por um número de alunos adequado (ou, ao menos, suportável), negociar com seus alunos a disponibilidade para acompanhamento e cuidar dos riscos à própria saúde é fundamental à qualidade de vida do teletrabalhador. Certamente, haverá diversos motivadores para que todas essas dicas sejam quebradas. Mas é preciso que o teletrabalhador pense a médio ou longo prazo, pois a Internet pode agilizar a vida e o trabalho do tutor virtual, porém não são poucos os riscos a que ela expõe o trabalhador que a tem como meio de trabalho. É alto o grau de sedução que permeia as tecnologias e, em especial, a Internet. É bom lembrar, portanto, que na etimologia do termo *sedução* está a idéia de *engano*, *desvio* e *privação* (HOUAISS, 2001).

Pelo que evidenciam os dados, o trabalho na EaD é realmente mais exigente e mais cansativo em termos de tempo e atenção do trabalhador. Além dessas exigências, levantamos diversas outras que recaem sempre sobre o teletrabalhador de forma individual. As possibilidades de busca por melhor qualidade de vida e condições de trabalho parecem bastante reduzidas tendo toda essa sobrecarga de responsabilidades (inclusive emocionais e afetivas, como na disputa entre brincar com um filho e realizar uma atividade). Parece-nos bastante provável que, na coletividade, essa sobrecarga possa ser amenizada. Considerar as especificidades do teletrabalho, em geral, e do teletrabalho docente, em particular (começando pela legislação trabalhista sobre teletrabalhadores) podem evitar argumentos do tipo:

É notório que no cálculo de alocação de horas-aula, as IES estimam um mínimo de tempo que o professor utiliza o Ambiente Virtual, o que, na prática, não corresponde à realidade. Dispensamos muito mais tempo do que efetivamente nos pagam, necessitando para tanto consumir tempo que seria dedicado ao lazer, à família, ao descanso, aos amigos e até mesmo a outras atividades de estudo e pesquisa. Alguns colegas acham que recebem bem pelo trabalho, mas eles dividem o valor recebido pelas horas de atendimento nos ambientes virtuais de aprendizagem... mas as outras atividades (obrigatórias) gastam o dobro disso. Fico triste porque isto afeta não somente a minha qualidade de vida e

do meu trabalho, mas também a qualidade da educação. Como brigar contra o preconceito que as pessoas têm com a EaD!?! (Comentário JJ).

Considerando a capacidade suprema de os sistemas informáticos fornecerem possibilidades de monitoramento das atividades do trabalhador, chamamos a atenção para a importância do estabelecimento de um *contrato de trabalho*⁶ claro e justo. As regras do jogo estando explicitamente estabelecidas, o teletrabalhador saberá em que *cumbuca* está prestes a meter a mão. As regras estando claras e o teletrabalhador consciente delas, não há por que ver o teletrabalho como cumbuca. Se as condições contratuais não forem adequadas, há sempre a opção de não se tornar um tutor virtual.

Podem parecer paradoxal, mas, a julgar pela quantidade de vezes que surgiu, entre as respostas dos participantes da pesquisa, a expressão do desejo e prazer em trabalhar como educador da EaD, há muito de positivo e agradável nesse tipo de trabalho. O rompimento de limitações temporais e espaciais, fruto do desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, estimula o aumento dos sonhadores com horários e locais flexíveis de trabalho. Retomando Rossel et al. (1998),

muitos são aqueles que, graças a esta flexibilidade de nossa relação com o tempo e com o espaço, sonham com uma sociedade organizada com uma nova distribuição dos horários de trabalho, deixando a parte bela da vida ao lazer e à família (ROSSEL et al., 1998: 267).

Finalizando, fizemos uma seleção de dicas/sugestões oferecidas pelos participantes da pesquisa. Essas dicas selecionadas estão direta ou indiretamente relacionadas à questão da organização espaço-temporal do teletrabalhador docente. Entre a dica de um tutor e outro, inserimos um travessão (—) como forma de organização. Vejamos:

- **Convencer-se:** Em primeiro lugar, verifique se é exatamente isso o que deseja e saiba que a dedicação precisa ser contínua no processo. É um trabalho em que você entra e não consegue mais

⁶ Na Internet, poderão ser encontrados alguns elementos de contratos de teletrabalho (francês e brasileiro), que poderão servir de referência para curiosos e prevenidos.

sair! Pense antes de entrar. — Antes de trabalhar com EaD, tenha certeza do tipo de atividade para evitar equívocos. — Análise sua disposição para lançar-se nesta nova modalidade, que traz algumas implicações (benéficas ou não).

▪ **Organizar-se:** Seja extremamente organizado; a EaD demanda muita organização pessoal, do tempo e do trabalho a ser executado. — Ter muita disciplina, organização e responsabilidade, inclusive para respeitar os tempos e espaços de trabalho e descanso. — Disciplina, planejamento e execução do trabalho são obrigatórios para vencer as intenções pedagógicas propostas. — Seja organizado e saiba planejar o tempo e o cronograma das atividades. — Sugiro sistematização e disciplina na comunicação. — Frequência e dedicação para não perder a sintonia com os alunos. — Não assimilem de forma pessoal as ausências nas turmas, na maioria das vezes não é sua responsabilidade.

▪ **Disciplinar-se:** Ritmo e periodicidade são as chaves para não acumular trabalho. Conecte-se e visite sua sala de aula todos os dias. — Acessar os cursos diariamente, sempre! Isso vai fazer a diferença. — Desenvolver a capacidade de disciplina e frequência ao acessar o curso. Parece estranho, mas assim trabalhará menos. É uma questão de periodicidade... Não acumulará nada e seus alunos serão bem atendidos! — Não adie as suas tarefas. Adiar significa sobrecarga posterior e dificuldade para recolocar a vida em dia. — Não deixar acumular a avaliação (verá que esse é um nó da coisa). — Elaborar seu horário de atendimento aos educandos é importante para não sobrecarregar-se de tarefas.

▪ **Expressar-se:** Aprenda a ter objetividade nas suas explicações e/ou orientações. — Cumprir os prazos e saber se comunicar com os alunos de forma correta. Clareza na exposição de idéias é imprescindível. — Melhorar a redação (correção gramatical, ortográfica, estrutura do texto etc.; revise a gramática e livros de redação).

▪ **Compartilhar-se:** Tenha paciência e cultive a empatia (para entender o outro) e a simpatia também. — A sinergia com colegas pode fazer o educador virtual sentir-se menos solitário... contribua para a inteligência coletiva e aprenda também. — Partilhar conhecimento, pesquisar e trabalhar em equipe são condutas necessárias para alcançar bons resultados. — Organizar bem seu tempo; pesquise e aproveite experiências de outros

educadores. — Ter bom relacionamento com colegas de trabalho, com as TIC's e muita leitura.

- **Dedicar-se:** Aperfeiçoamento profissional constante e disponibilidade. — Dedicção é a palavra-chave. O aluno do curso a distância parece ser mais *carente*, precisa de muita atenção.
- **Responsabilizar-se:** Não confunda EaD com trabalho fácil, pois não é. Dá muito mais trabalho que o presencial. A EaD demanda muiiiiito tempo! — Preparem-se para muito trabalho, sejam organizados e delimitem o tempo para esta atividade. — Pensem em EaD virtual com qualidade e muita seriedade, pois os seus alunos são extremamente exigentes e interessados em aprender. Despir-se do preconceito de que EaD não funciona. — EaD é uma forma séria de fazer educação: depende muito do educador.
- **Cuidar-se:** Preparem os olhos, a coluna, o espírito da esposa/marido e as alterações de humor. — Desenvolva estratégias e argumentos para convencer seu marido (ou esposa) de que trabalhar tanto é realmente necessário... Aqui, eu ainda não consegui!!! — Reservar tempo para o lazer, não deixar o trabalho tomar todo seu tempo.
- **Desafiar-se:** Aceitem o desafio! Trabalhem com dedicação e empenho. — Façam o possível para que os alunos não desistam do curso nas primeiras semanas. Se ficarem ativos no início, a probabilidade de concluírem o curso com êxito é muito maior. Captar o espírito da coisa é o mais desafiador, o resto acontece! — Buscar desenvolver a criatividade. EaD requer criatividade no processo de tutoria.

Não podemos deixar de destacar que essas sugestões dos tutores virtuais precisam ser consideradas a partir do que Grossin (1996) salientou ao concluir seu texto:

A intrusão dos tempos sociais nos tempos particulares ou privados atrapalha os tempos familiares e perturba os tempos individuais. (...) O bem-estar temporal dos membros de uma sociedade não tem nada a ceder aos princípios de racionalidade econômica. Ao contrário, vale mais aceitar perder alguns centavos em benefício do conforto temporal (GROSSIN, 1996: 222-3).

Enfim, essas dicas dos teletrabalhadores são sugestões que tangem aspectos diversos do teletrabalho docente. Contemplam elementos muito ricos para análises críticas ou de implementação.

Referências

DUSSEL, I.; CARUSO, M. *A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar*. São Paulo: Moderna, 2003.

FRAGO, A.V.; ESCOLANO, A. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A 2001.

GOMES, C.L. (org.) *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GROSSIN, W. *Pour une science des temps: introduction à l'écologie temporelle*. Paris: Octares, 1996.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. 10.ed. São Paulo: Loyola, 2001.

HASSARD, J. Tempo de trabalho: outra dimensão esquecida nas organizações. In: CHANLAT, J.F (org.). *O indivíduo na organização: dimensões esquecidas*. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

HOUAISS, A. *Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

KURZ, R. Não rentáveis uni-vos! *Carta Capital*, p.21, 2003 (Número Especial: Terceiro Milênio).

LOBO, F. Vida e morte no trabalho. *Carta Capital*, p.12-15, 2003 (Número Especial: Terceiro Milênio).

MARCELLINO, N.C. *Lazer e educação*. Campinas: Papyrus, 1990.

MARX, K. *Capital y Tecnologia – Manuscritos Inéditos (1861-1863)*. México: Terra Nova. 1980. p.161-164 (Trad.: Elídio Marques).

MARX, K. *O Capital: crítica da economia política*. Livro I, Vol.1, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 201-233.

MILL, D. *EaD e trabalho docente virtual: sobre tecnologia, espaços, tempos, coletividade e relações sociais de sexo na Idade Mídia*. 2006. 322f. Tese (Doutorado em Educação)—Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais (FAE/UFMG), Belo Horizonte, 2006.

MONTJARDINI, C. Le problème du temps dans la société contemporaine. In: BELLONI, C.; RAMPAZI, M (org.) *Tempo, spazio, attore soiciale, terdici saggi per discutare*. Milano: Franco Angeli, 1989.

NEGROPONTE, N. *A vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PADILHA, V. Tempo livre. In: GOMES, C.L. (org.) *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.218-222.

PUIG, J.M.; TRILLA, J. *A pedagogia do ócio*. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

ROSSEL, P.; BASSAND, M.; ROY, M. *Au-delà du laboratoire: les nouvelles technologies à l'épreuve de l'usage*. Lausanne: Presses Polytechniques, 1998.

SANTOS, M. A aceleração contemporânea: tempo mundo e espaço mundo. In: SANTOS, M.; SOUZA, M.A.A.; SCARLATO, F.C.; ARROYO, M. *O novo mapa do mundo: fim de século e globalização*. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

SOUZA JR., J. Tempo livre. In: FIDALGO, F.; MACHADO, L., *Dicionário da Educação Profissional*. Belo Horizonte: NETE/FAE/UFMG, p.325, 2000.

Daniel Mill - Doutor em Educação pela UFMG; Professor Adjunto da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), onde atua como Coordenador de Educação a Distância e do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação a Distância.

E-mail: mill@ufscar.br

Fernando Fidalgo - Doutor em Educação; Professor Adjunto da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

E-mail: fernando@fae.ufmg.br
